



# O Caso dos Norte-coreanos na Coreia do Sul: Questões sobre Identidade, Nação e Acolhimento

Thiago Mattos Moreira<sup>1</sup>

The Case of North  
Korean Asylum-  
seekers in South  
Korea: Topics on  
Identity, Nation  
and refuge

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n13.2017.70491>

---

<sup>1</sup> Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: othiagomattos@gmail.com.



**Resumo:**

Este artigo vem analisar o caso dos migrantes norte-coreanos na Coreia do Sul, figuras ambíguas que abarcam em si elementos de refugiado, desertores políticos e co-nacionais em sua nova morada. Através de uma análise histórica e documental das políticas públicas da Coreia do Sul para o Norte, e em especial para com estes indivíduos que recorrem à sua administração para buscar amparo humanitário, este artigo tenta evidenciar as discrepâncias entre uma resiliente narrativa de unidade entre os dois países e a crescente desassociação identitária entre seus habitantes. A intenção fundamental é que o estudo deste caso abra portas para abordagens mais plurais sobre as origens e efeitos das identidades nacionais.

**Palavras-chave:** Coreia, Refúgio, Políticas Públicas, Identidade, Unificação.

**Abstract:**

This article examines the case of North Korean migrants in South Korea, those ambiguous figures that are simultaneously refugees, political defectors and co-nationals in their new home. Through a historical analysis of South Korea's public policies to the North, and especially to these individuals who come to their administration to seek humanitarian relief, this article attempts to highlight the discrepancies between a resilient narrative of unity between the two countries and the increasing disassociation of identity among its inhabitants. The fundamental intention is that this case study open doors to more pluralistic approaches on the origins and effects of national identities.

**Keywords:** Korea, Refuge Public Policies, Identity, Unification.

## Introdução

Segundo dados recentes do Ministério de Unificação sul-coreano (2016), existem aproximadamente 29.000 refugiados (ou desertores, dependendo do prisma político a qual se pertence) norte-coreanos vivendo sob a jurisdição de Seul. Apesar destes representarem menos de 1% da população do país, que hoje ultrapassa os 50 milhões de habitantes, este é provavelmente o grupo minoritário que mais preocupa a administração pública sul-coreana por se tratar não apenas de uma questão humanitária, mas de identidade e segurança nacionais. Afinal, a capacidade de integrar este (ainda) pequeno grupo de indivíduos à sociedade seria o teste de fogo para uma eventual reunificação da península – um dever de Estado pela constituição de ambas as Coreias.

As ondas migratórias indocumentadas rumo ao Sul iniciaram nos anos 90, primeiramente em face da grande crise alimentícia que assolou o Norte, a atualmente chamada “Marcha Árdua”, intensificando-se nos anos seguintes, reportadamente em função do endurecimento do regime político autoritário do país e suas constantes violações de direitos humanos fundamentais (KIM, 2011, p.110). Desde então, o fenômeno da inserção de norte-coreanos na sociedade sul-coreana tem sido um desafio da política pública de Seul. Um desafio não apenas em termos materiais – o orçamento do Ministério da Unificação, a principal instituição responsável pelo processo de “reassentamento”, atingiu sozinho, no ano de 2015, a grandeza de 1,3 bilhões de dólares (KOREAN HERALD, 2015) - mas também em termos discursivos: como enunciar estes “novos” cidadãos de forma coerente? Como abarcar em sua moderna sociedade indivíduos que apesar de serem inegavelmente coreanos perante seus pares em ambos os lados da fronteira (possuírem um mesmo fenótipo, mesma língua, mesma escrita e mesma fome por Kimchi ), parecem mais alheios do que qualquer turista a elementos culturais que já são indissociáveis do que hoje se entende por ser sul-coreano (alta tecnologia, ferrenha sociedade de mercado, K-Pop, Democracia liberal, etc.)? E ainda: O que fazer quando mesmo estes elementos de unidade, principalmente o linguístico e o étnico-racial, começam a se dissipar ao longo do tempo? São perguntas que assistentes sociais e policy makers têm crescentemente se feito nas últimas décadas. Busco, na redação deste artigo, tentar entender um pouco melhor este tensionamento existente na identidade nacional coreana (de toda a península) perante este complexo fenômeno migratório. De modo mais objetivo e delineado, a seguinte questão orienta este trabalho: Como se dá o processo de acolhimento de desertores norte-coreanos na Coreia do Sul? Seriam eles, aos olhos dos sul-coreanos irmãos, inimigos ou estrangeiros?

O resultado desta pesquisa, que é de caráter eminentemente documental, se constrói em cima da hipótese de que já existe um distanciamento identitário profundo entre sul e norte coreanos, em despeito do discurso estatal oficial de fraternidade, unidade e de defesa de direitos humanos fundamentais para estes indivíduos. Distanciamento este que pode ser observado na própria redação e aplicação das políticas públicas de acolhimento de norte-coreanos por Seul, bem como nos resultados das mesmas. Este trabalho entende que a construção do desertor/refugiado/migrante norte-coreano como simultaneamente um

“insider” e um “outsider” pela política pública é uma das origens da reportada dificuldade de inserção destes indivíduos na sociedade sul-coreana. Além disto, é do posicionamento deste artigo que a compreensão do processo de acolhimento desses refugiados possui a capacidade de desencadear uma discussão mais profunda sobre a auto percepção de identidade nacional não apenas na península coreana, mas em todos os contextos globais em que este debate é relevante, bem como rever a noção de refugiado vis-à-vis o imigrante econômico indocumentado.

### Definições Instrumentais

Uma questão delicada para este trabalho é como denominar os norte-coreanos que desertaram o regime político de Pyongyang e passaram a viver sob a jurisdição de Seul. Estes se encontram em uma situação bastante anômala para o direito internacional e o regime de refugiados. Os governos da Coreia do Sul e da Coreia do Norte reivindicam em suas respectivas constituições serem as únicas autoridades legítimas para toda a península, e ambos os governos reconhecem todos os coreanos que vivem na península e suas ilhas circundantes como co-nacionais, o que torna a utilização do termo “refugiado” para aqueles que chegam no país um tanto contraditória uma vez que, segundo a definição do ACNUR (2017), este se refere aqueles que “foram forçados a fugir do seu país por causa da perseguição, da guerra ou da violência”. Em tese, os norte-coreanos que migram ao Sul jamais deixaram o seu país, tanto que possuem sua nacionalidade reconhecida no momento que chegam na referida jurisdição – ao mesmo tempo em que seu status de refugiado é reconhecido em Estados como os EUA e os membros da União Europeia e simultaneamente negado por outros como China e Mongólia, que os entendem como imigrantes econômicos indocumentados. Todavia, o termo refugiado ainda é recorrentemente usado pela mídia para se referir a esta população, bem como por alguns autores do meio acadêmico (SCHATTLE, 2013).

O termo “deslocado interno” também se mostra insuficiente para exprimir a condição dos norte-coreanos no Sul: apesar de este contemplar a permanência destes indivíduos no que estes entendem ser seu país, ignora a mudança de jurisdição política da sua existência destes como cidadãos – fator central do escopo desta terminologia (ACNUR, 2007). Tendo estas complicações taxonômicas em mente, o termo escolhido tanto pela administração pública do Norte quanto pela do Sul para tratar destes indivíduos é “desertores” (MINISTRY OF UNIFICATION, 2017), fazendo alusão à relação destes com o regime da República Democrática da Coreia (nome oficial da Coreia do Norte), mas não com sua nacionalidade. Tendo este debate em mente, o trabalho fará, de forma instrumental, referência a estes indivíduos tanto como “desertores”, quanto como “refugiados”, dependendo do contexto em que esse aspecto de seu status político for mais relevante para o contexto.

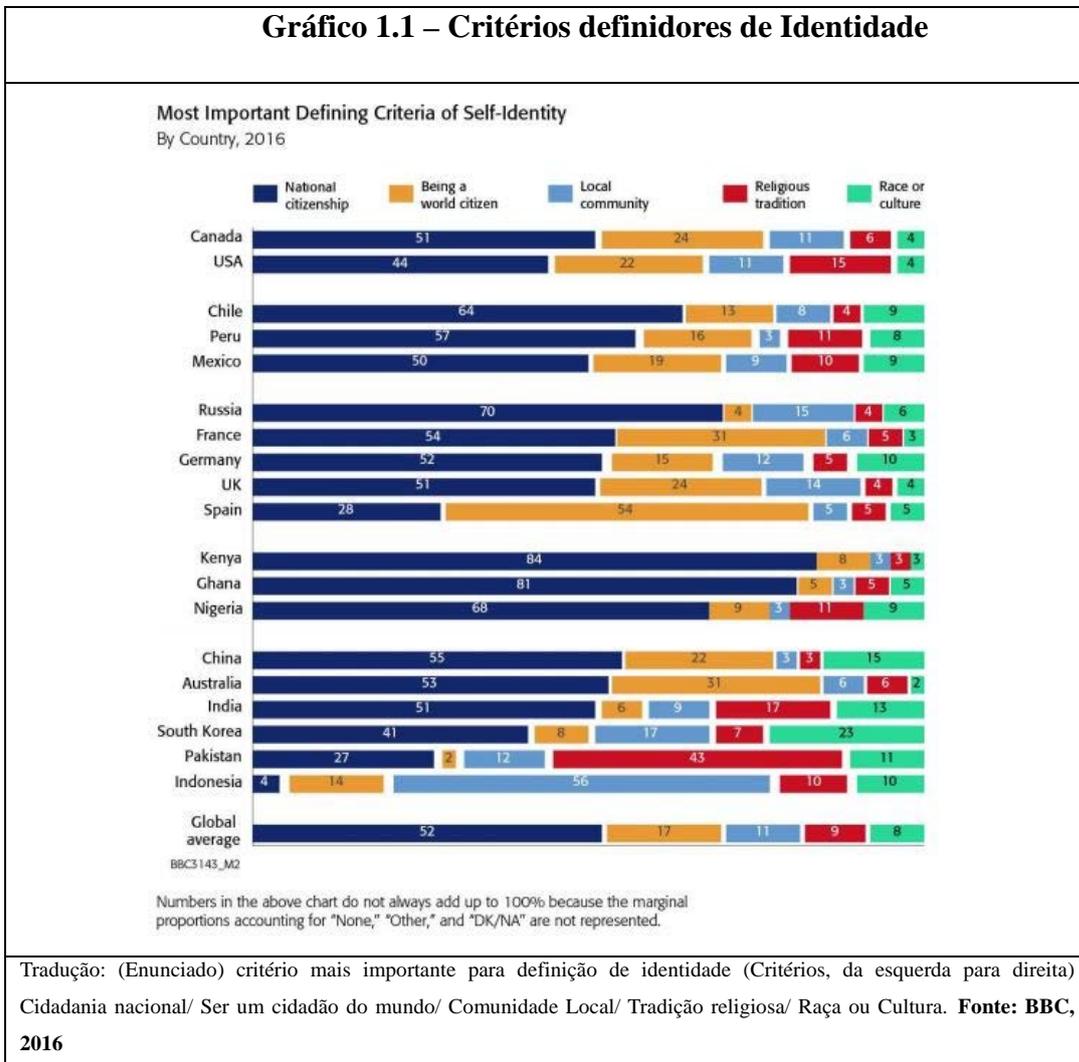
### A fragmentação da nacionalidade coreana e o fator étnico-racial

Em paralelo com o processo de desassociação que as duas Coreias têm enfrentado em seu inconsciente coletivo, e que este artigo pretende investigar através da figura do desertor norte-coreano, é necessário entender o que sustentou e produziu o sentimento de identidade da península coreana durante quase 7 décadas com notória resiliência. Só observando os fatores que produziram a unidade podemos entender os vetores que operam a dissociação da mesma em pólos autônomos no Norte e no Sul – expondo suas contradições e sua complexidade. Via de regra, ambos os lados do paralelo afirmam a existência da ideia de *han nara* (한나라), “um povo, uma nação”, (DEMICK, 2009, p.248) – mas múltiplas evidências levam a crer a emergência, pela atividade ou passividade dos Estados do sentimento de *uri nara* (우리나라), “nossa nação”, ao menos do que pode ser analisado da população sul-coreana e dos desertores/refugiados norte-coreanos (CAMPBELL, 2011).

É incontornável assinalar que grande parte do sentimento e da identidade nacional da Coreia é baseado em sua homogeneidade étnico-racial historicamente construída. Existe no caso Coreano uma certa indivisibilidade entre dimensões étnicas e raciais em seu imaginário coletivo. A noção de um povo único, racial e culturalmente homogêneo na península tem vestígios milenares. Em grande parte, o conceito é fruto dos conflitos da época monárquica contra a China, mas se intensificou consideravelmente com a ocupação japonesa no início do século passado, onde sua identidade como povo em todas as suas dimensões tentou ser suprimida através de assimilação cultural e estupros sistêmicos. Como esta trata-se de questão densa e impossível de ser esgotada de forma breve, sugere-se o livro de Bruce Cummings (2005), *Korea's Place in the Sun: A Modern History*, para entender em detalhes o pensamento étnico-racial coreano.

Mesmo hoje, a identificação nacional por critérios majoritariamente étnicos-raciais, apesar de não serem absolutos, destoa, na Coreia, em comparação a outros países com mesmo nível de desenvolvimento econômico, como um fator crucial para identificação e empatia nacional. Como aponta a pesquisa feita pela BBC em abril de 2014, 25% da população sul-coreana identifica raça e cultura como os dois principais definidores identitários, e não a cidadania nacional, superando até mesmo vizinhos regionais que também seriam altamente homogêneos em termos étnicos como China e Japão, sendo o maior nível de ocorrência desta opinião dentre os países da OCDE. Apesar do acesso a estes mesmos dados no Norte ser impossível no momento, imagina-se, devido a seu total isolamento político, que os números sejam ainda mais elevados.

**Gráfico 1.1 – Critérios definidores de Identidade**



O seu forte sentido de unidade e orgulho nacional decorreram em alguma medida, portanto, de uma identidade com base em uma linhagem comum e uma compartilhada ascendência que, como poderia assinalar Smith (1991), é ao mesmo tempo espontânea e fabricada. Espontânea por de fato existirem elementos folclóricos-culturais que surgiram cotidianamente ao longo dos séculos (culinária – *kimchi, soju, magkeoli, etc.*; Vestimenta – *Hanbok; etc.*) alinhadas a um fenótipo próprio, e fabricada pelo motivo destes mesmos serem utilizados por uma elite política para se advogar por coesão interna, tanto no passado feudal quanto na contemporaneidade do Estado-nação. Ser coreano seria uma condição inalienável daqueles que compartilham “seu sangue”, e a unificação possui um valor moral quase religioso.

Neste mesmo sentido, e de forma quase simbiótica, a língua e a escrita coreanas foram outros dois aspectos centrais que uniram os coreanos étnicos de ambos os países e

que mantiveram sua comunidade imaginada relativamente intacta mesmo que politicamente dividida para além da dimensão da raça. O Hangeul (한글), o alfabeto coreano criado em 1446 pelo Rei Sejong merece um capítulo à parte, sendo referido por parte da literatura como a grande primeira política pública e diplomacia de coesão nacional da península (CUMMINGS, 2005). Confirmando as teses de Benedict Anderson (2008) e Anne Marie Thiesse (2000) sobre o poder do vernáculo sobre o inconsciente coletivo, capaz de criar uma forma de abstração conjunta que seria terreno fértil para que as ficções criativas nacionais da elite pudessem chegar à periferia e assim fossem assimiladas, o Hangeul se traduz até hoje como uma expressão máxima do particularismo coreano. Antes da criação do Hangeul, os coreanos utilizavam os caracteres chineses para se expressar por escrito, o chamado Hanja (漢字), o que aprofundava a relação de dependência vassalar com a China, uma vez que somente a classe nobre educada no reino vizinho conseguia expressar seus pensamentos por escrito.

No entanto, mesmo tendo este arcabouço cultural em vista, uma grande questão permanece sobre a base étnica do nacionalismo coreano: ele é sustentável? Seria possível descolar seu sentimento nacional da raça? No mundo Globalizado em que Seul se submergiu e pretende se tornar liderança, *policy makers* começaram a se perguntar como indivíduos de fenótipo negro, por exemplo, fluentes em coreano e versados em sua cultura, seriam um dia aceitos como parte da comunidade imaginada coreana. Este seria um grande empecilho para o discurso de globalização que tão prontamente foi encabeçado nas searas internacionais na Coreia do Sul e que domesticamente possui tanta dificuldade de se contemplado. Apesar dos fluxos migratórios serem tímidos, estes já superam os dos vizinhos Japão e China em números relativos e é uma questão sobre qual os estudiosos do nacionalismo coreano recorrentemente se debruçam. Muitos questionam se uma Coreia unificada, ainda mais imbuída de sua particularidade étnico-racial, seria capaz de abraçar a pluralidade do mundo em seu território: e mesmo se assim o fosse, como uma reunificação se justificaria?

Em seu livro de 2006, "Ethnic Nationalism in Korea: Genealogy, Politics, and Legacy", Shin Gi-wook argumenta que a incerteza e a precariedade provocadas pela globalização criaram condições para que esse tipo específico de nacionalismo, o étnico-racial, pudesse ser constantemente reproduzido globalmente, sendo a Coreia terreno fértil para sua perpetuação. Para o autor, o fator étnico-racial seria um porto-seguro contra a instabilidade externa, que haveria sido reforçada inclusive nos anos 90, durante a crise da Ásia, onde a xenofobia no Sul da península chegou a extremos e – como efeito colateral, teria reforçado os elos imaginários com o norte em detrimento de uma empatia com “estrangeiros”. Contudo, outros estudiosos, como Jin-kyung Lee, discordam. Em seu livro “Service Economies: Militarism, Sex, and Migrant Labor in South Korea”, Lee argumenta que a transformação econômica proporcionada pela intensa globalização na Coreia do Sul estaria diluindo o forte componente étnico ainda presente no nacionalismo sul-coreano contemporâneo; em outras palavras, nação e etnia estariam em “lento” processo de dissociação. Os deslocamentos sociais causados pelo capitalismo global criaram gradualmente um novo espaço através do qual a nação poderia ser imaginada

Independentemente do ponto de vista que se assume em relação à questão étnica na Coreia, é possível dizer que o estado de armistício estabelecido em 1953 se transformou no novo mito fundacional de dois países pela metade, muito embora ambos só tenham se reconhecido como atores legítimos na década de 80. Mesmo hoje, ambos os lados do paralelo 38 invocam em seu discurso oficial a unicidade do povo coreano, a meta de reunificação é dever de Estado em ambas as constituições, mas os efeitos da divisão se tornam gradativamente evidentes – em despeito do discurso, da língua e do sentimento étnico. Os migrantes norte-coreanos são possivelmente a maior expressão desta incoerência e a forma corpórea de sua urgência.

*Fonte: Ministry of Unification Annual White Paper (2016)*

**Tabela 1.1 – Número de desertores Norte-coreanos registrados na Coreia do Sul**

Ano	~1998	~2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Homens	831	565	510	474	626	424	515	573	608	662	591	795	404	369	305	251	8,503
Mulheres	116	478	632	811	1,272	960	1,513	1,981	2,195	2,252	1,811	1,911	1,098	1,145	1,092	1,025	20,292
Total	947	1,043	1,142	1,285	1,898	1,384	2,028	2,554	2,803	2,914	2,402	2,706	1,502	1,514	1,396	1,276	28,795
Porcentagem Feminina	12%	46%	55%	63%	67%	69%	75%	78%	78%	77%	75%	70%	72%	76%	78%	83%	70%

### Entendendo a migração norte-coreana

A jornada dos refugiados Norte-coreanos até a jurisdição de Seul é longa e perigosa: a grande maioria dos que desejam fugir do sistema político de Pyongyang o faz através de subornos envolvendo agentes da fronteira com a China durante o inverno, quando o rio Yalu que divide os dois países se congela e a travessia a pé se torna possível. A maior parte dos que escapam passam a viver de forma indocumentada na China – estima-se que em torno de 200.000 norte-coreanos vivem deste modo, trabalhando em fábricas na parte continental do país. Os norte-coreanos chegam à China desprotegidos de qualquer regimento legal, uma vez que Pequim não reconhece o status de refúgio destes indivíduos tanto em função de sua posição ambígua dentro do ACNUR quanto em seu apoio tácito, e por vezes explícito, a Pyongyang (KIM, 2012, p. 37-40). Por vezes o governo chinês deporta forçadamente nacionais norte-coreanos de volta a seu país de origem e se recusa a dialogar sobre qualquer questão humanitária ligada à Coreia do Norte no ambiente das Nações Unidas, afirmando que estes se tratam apenas de emigrantes econômicos ilegais e não refugiados de fato (RICHARDSON, 2017, p.1-2). Um argumento que, apesar de repudiado nos fóruns internacionais de direitos humanos, possui certa base factual: pesquisas entre os refugiados apontam que maior parte dos que fogem da Coreia do Norte o fazem por motivações econômicas e não necessariamente por perseguição política ou oposição ao regime – elemento basilar para a definição da categoria perante os acordos internacionais.

Motivo	2010	2011	2012	2010-2012
<b>Razões econômicas</b>	<b>23</b>	<b>77</b>	<b>64</b>	<b>164 (39.1%)</b>
Dissatisfação com o regime	6	21	26	53 (12.6%)
Convidados por familiares que migraram	6	46	56	108 (25.7%)
Medo de punição	0	6	8	14 (3.3%)
Evasão e punição	2	5	6	13 (3.1%)
Outros Motivos	10	32	26	68 (16.2%)
<b>Non-responses</b>	<b>104</b>	<b>43</b>	<b>39</b>	<b>186 (-)</b>
<b>Total de casos</b>	<b>151</b>	<b>230</b>	<b>225</b>	<b>606 (100%)</b>

Source: [EAI Security Initiative Working Paper 29, p. 4](#)

Em face desta situação, apenas uma fração dos que escapam de Pyongyang de fato chega a Seul. Muitos acabam se envolvendo em relações matrimoniais com chineses para tentar garantir sua permanência no país e uma estabilidade financeira mínima ou acabam encontrando meios de se deslocar até o sudeste asiático ou mesmo até a Europa em busca

de asilo (KIM, 2012, p.55). Os que conseguem chegar à Coreia do Sul, o fazem através da compra de documentos falsos ou pelo tráfico internacional de pessoas que parte de países como Camboja e Tailândia – muitas vezes através de fluxos de prostituição, como o elevado número de refugiadas do sexo feminino apontado na [tabela 1.1](#) pode sugerir e o mapa abaixo demonstra graficamente.



**Mapa 1.1 – Fluxo migratório de Norte-coreanos**

Os que conseguem fazer a hercúlea travessia para o outro lado da península, no entanto, possuem significativos incentivos para fazê-lo, que vão além do atrativo mundo de sonhos que passam a assistir e desejar nas populares novelas sul-coreanas transmitidas por toda a Ásia<sup>1</sup>. Ao contrário de outros grupos de migrantes que se estabeleceram nos últimos anos em grandes números na Coreia do Sul<sup>2</sup>, os refugiados norte-coreanos chegam ao país com um status diferenciado: o de cidadão. Todo refugiado norte-coreano que chega a Seul é considerado cidadão sul-coreano por lei constitucional, muito embora estes tenham que ser primeiramente examinados pelo governo para prevenir qualquer ameaça à segurança nacional<sup>3</sup>, bem como para verificar se a sua reivindicação de ser norte-coreano é, de fato,

<sup>1</sup> O impacto das novelas sul-coreanas dentre os refugiados do Norte tem sido assunto de crescente atenção para os que estudam os conflitos da península. Não são poucos os casos de refugiados que contam terem sido motivados a escapar do Norte após entrarem em contato com conteúdo cinematográfico sul-coreano contrabandeado (Choe, 2015, p.2).

<sup>2</sup> Em especial contraste com o crescente número de esposas vietnamitas e filipinas que têm migrado para o país, bem como um grande contingente de trabalhadores de outras regiões do sudeste asiático (Seol, 2015, p.64)

<sup>3</sup> Apesar da óbvia preocupação com segurança na triagem de refugiados, o número de atos de terror cometidos internamente por refugiados norte-coreanos e mesmo por indivíduos simpatizantes da causa de Pyongyang é surpreendente baixa se considerarmos uma zona com rivalidades tão intensas, com a exceção e alguns poucos e emblemáticos incidentes, representando menos de 2% de todas as “provocações” registradas pelo governo sul-coreano desde 1953. (SHIN, 2011)

genuína<sup>4</sup>. A travessia, contudo, carrega em si um peso que muitos imigrantes indocumentados conhecem bem: grandes dívidas aos “Coiotes” que possibilitaram a penosa travessia pela China. São de conhecimento geral casos de refugiados norte-coreanos que são forçados a entregar quase todo o dinheiro do auxílio governamental para o tráfico de pessoas, embora esforços policiais em torno dessas práticas tenham demonstrado melhoria significativa no policiamento destas atividades (HAGGARD, 2010, p.31)

### Programas governamentais de apoio ao refugiado Norte-coreano

Após completar sigiloso processo de triagem, os refugiados entram no chamado *Hanawon*, uma instituição fundada no ano 1999 operada pelo governo sul-coreana diretamente através do Ministério da Unificação que abriga e educa os refugiados por um mínimo de 12 semanas de forma compulsória antes de serem inseridos na sociedade sul-coreana. Os cursos educacionais incluem treinamento vocacional básico, palestras sobre história e democracia coreanas, o conceito de economia de mercado, bem como aconselhamento psicológico, teste de aptidão profissional e exames de saúde (CHO & KIM, 2011, p. 25-50). São um total de 392 horas de curso, distribuídos em 4 segmentos-base da seguinte forma que são enunciados na lista de seu material didático, em tradução oficial para o inglês:

**Tabela 2.1 – Ementa do curso compulsório de reassentamento do Instituto Hanawon**

Estabilidade emocional e avaliação de saúde	→ Testes psicológicos e aconselhamento	51 horas
	→ Tratamento médico e aconselhamento pós-traumático	
Compreensão da sociedade coreana	→ Aulas sobre livre democracia e economia de mercado	138 horas
	→ Experiências práticas (Compras em mercados locais, visitas em locais de interesse da cidade, etc.)	
Teste vocacional e	→ Testes de aptidão	157 horas

<sup>4</sup> Múltiplos relatos de chineses que aprendem a língua coreana para se passar por norte-coreanos e então receber as benesses sociais concedidas pela Coreia do Sul levaram o governo a reforçar seu processo de Triagem, fazendo não apenas testes de línguas coreana, mas sobre geografia norte-coreana (DEMICK, 2013)

orientação de carreira → Treinamento profissional básico

Apoio inicial ao reassentamento → Informação sobre os serviços de 51 horas acolhimento continuado

Depois que os refugiados se formam no *Hanawon* o estado fornece-lhes um pagamento de instalação e assistência de habitação baseado em seu desempenho dentro do programa e sua configuração familiar. O valor médio do auxílio, para uma família de 3 pessoas, é de um depósito 18.000 dólares, com um auxílio mensal de 320 dólares pelo período de 5 anos (Ministério da Unificação, 2015, p. 40). Além disso, um funcionário público denominado "auxiliar de reassentamento" é disponibilizado para os refugiados por até dois anos. Não há uma agência centralizada que lide com os programas de assistência aos refugiados norte-coreanos após este período, estes estão espalhados por vários ministérios e governos locais, além de numerosas agências do setor privado e governos estrangeiros (majoritariamente dos Estados Unidos), mas tem suas operações, via de regra, viabilizadas sob os repasses do Ministério da Unificação (LEE, 2015, p.70-75).

**Tabela 2.2 - Programas Estatais de apoio providos pelo Governo Sul-coreano aos refugiados do Norte**

Instituição	Serviços prestados
<b>Ministério da reunificação</b>	<i>Hanawon</i> , atribuição de moradia, pagamento de reassentamento, registro de família, Hana Center de apoio e auxílio ao refugiado
<b>Agência Nacional de polícia</b>	Serviço especial de proteção (6 meses - prorrogável)
<b>Ministério da educação</b>	Centro Nacional de Educação Multicultural, escolas alternativas, programas de admissão preferencial, apoio escolar
<b>Ministério do Emprego e trabalho</b>	Apoio de formação vocacional, gestão de agências de formação, proteção do emprego
<b>Ministério da Igualdade de gênero e família</b>	Migrant Youth Foundation
<b>Ministério da Saúde e bem-estar</b>	Seguridade social e total cobertura de

	despesas médicas
<b>Autoridades municipais e provinciais</b>	Proteção residencial, emissão de certificados de moradia e outras assistências administrativas

Fonte: MINISTÉRIO DA UNIFICAÇÃO, Manual for the Resettlement Support for North Korean Refugees, 2013

Há pouca dúvida de que os atuais programas de assistência aos refugiados norte-coreanos são abrangentes, e pelo menos no papel, cobrem quase todos os aspectos do processo de reassentamento, desde a habitação e a alocação inicial em empregos até a tutoria extra no mundo acadêmico. Contudo muitos programas são sobrepostos por diferentes ministérios e agências que não são bem promovidos para a população-alvo – não atendendo por vezes suas reais necessidades e não tendo um acompanhamento continuado e participativo do desenvolvimento de seus novos cidadãos (SEO, 2013, p.301). Muitos norte-coreanos afirmam se sentir desmotivados com os programas por sentirem condescendência ao invés de fraternidade nestas interações (DEMICK, 2013).

Apesar da multiplicidade de programas de assistência, para a maioria deles a duração da assistência é limitada a um máximo de cinco anos. O pressuposto subjacente é que os refugiados teriam se adaptado à sociedade sul-coreana com sucesso até então. O atual esquema de assistência pode ser caracterizado em poucas palavras como de generosa assistência econômica para o curto prazo, com base na expectativa otimista de adaptação livre de problemas desses indivíduos, mas ingênuo ao pensar que a materialidade imediata bastaria para a reintegração destes indivíduos. Muitos são os casos de norte-coreanos delegados à margem da sociedade, sofrendo não apenas com dificuldades financeiras, mas com sentimentos de solidão e depressão. Afinal, muitos deles possuíam vidas de prestígio no Norte e no Sul são percebidos via de regra apenas como recipientes de caridade. Basta pensar que não existe nenhum tipo de revalidação de diplomas entre instituições universitárias do Norte e do Sul – muitos médicos refugiados do Norte acabam administrando karaokês no Sul (DEMICK, 2013). A preocupação de acolher os Norte-coreanos dos “traumas” de sua vida passada haveria deixado pouco (ou nenhum) espaço para que suas biografias pudessem fazer parte de suas novas vidas (MINISTÉRIO DA UNIFICAÇÃO, 2016).

### Percepções sul-coreanas: Norte-coreano como outsiders e unificação como dogma secular

Como dados do próprio ministério da unificação apontam em relatórios especiais emitidos em 2014 e 2016, a percepção contemporânea de refugiados Norte coreanos na

Coreia do Sul está longe de endossar o sentimento de fraternidade pleiteado pelo discurso e prática política de Seul (ou mesmo de Pyongyang): 60% da população sul-coreana afirma não se sentir próxima desta crescente parcela de sua sociedade, apesar dos esforços em sentido contrário do Ministério da Unificação e outras entidades. Além disto, dentre as principais queixas encontradas no processo de acolhimento de Norte-coreanos em sua nova casa, o mesmo relatório aponta que 33% destes afirmam terem sido vítimas de discriminação por sua condição e 29% apontam ter sérias dificuldades com a adaptação cultural. O dado mais alarmante divulgado pelo relatório, contudo, é de que 26% dos refugiados afirmam sentirem que os Sul-coreanos os enxergam como uma nacionalidade diferente. Estes dados corroboram com pesquisas (SHIN, 2010 p. 57) que aponta que mais da metade dos refugiados vivendo no Sul preferem manter sua identidade de “Norte coreano”, e relatam desejo de voltar ao Norte em um momento de possível reunificação.

Tal desnível abre espaço para reflexões mais profundas sobre a origem do sentimento de desconexão e alteridade existente entre os refugiados norte-coreanos e seus conterrâneos do Sul. E até a ocorrência de um fenômeno raro, porém crescente: os duplos desertores. Ou seja, norte-coreanos que migraram para o sul e, insatisfeitos com a vida que encontraram, retornaram para o norte. (McCURRY, 2015). Os depoimentos de refugiados norte-coreanos que alegam não conseguirem se adaptar e desejam retornar ao país de origem geram um desconforto a Seul - que não permite tal retorno, prendendo os indivíduos que tentam retornar através da fronteira, norte coreanos ou não. Via de regra a administração pública não comenta tais manifestações, e afirma que nos últimos 10 anos menos de 20 refugiados coreanos realizaram a migração de retorno a Pyongyang, apesar de fontes jornalísticas relatarem números bem maiores – em torno de 800 indivíduos (TAYLOR, 2013).

O desertor Norte-coreano, neste espaço pouco usual, se encontra em uma relativa vantagem material sobre o refugiado regular – uma figura ainda quase desconhecida pelo sul-coreano médio e sua administração pública, devida à dificuldade de acesso à península pelas regiões afetadas pelas grandes tragédias políticas (SCHATTLE, 2013) - mas em um lugar de enunciação potencialmente mais trágico e nocivo à sua autoestima. Enquanto o refugiado tradicional possui sua identidade cultural reconhecida, e até mesmo celebrada ou preservada dependendo de seu preceptor, o norte-coreano, presumindo uma conexão identitária com o Sul, se vê compelido a negar sua experiência social e pessoal e a classificá-la de modo integral como trauma. Em uma espécie de clivagem cultural historicamente justificada.

Grande parte dos estudos sobre refugiados norte-coreanos se concentra na adaptação da população refugiada à sociedade e na avaliação das políticas governamentais. Nesta medida, menos tem sido feito ou discutido sobre a atitude da população sul-coreana em relação aos refugiados (LEE & SON, 2011). Contudo, mesmo uma leitura superficial existente da atitude pública em relação aos refugiados norte-coreanos mostra uma tendência de deterioração da narrativa de unidade entre os dois povos. Em 2005, uma pesquisa pioneira conduzida na Coreia do Sul pelo East Asia Institute (EAI) mostrou que 75%

dos participantes expressaram algum grau de proximidade com o povo da Coreia do Norte, contudo, a proporção caiu para 55,2% na mesma pesquisa de EAI realizada em 2010, em função de tensões armadas próximas a época de pesquisa - demonstrando volatilidade em um sentimento presumidamente estanque. O estudo também revelou que os sul-coreanos entre 20 e 25 anos como um todo possuem uma atitude mais negativa em relação aos refugiados norte-coreanos, em contraste com o grupo dos coreanos com cinquenta anos ou mais, que se declararam sentir maior proximidade com os norte-coreanos.

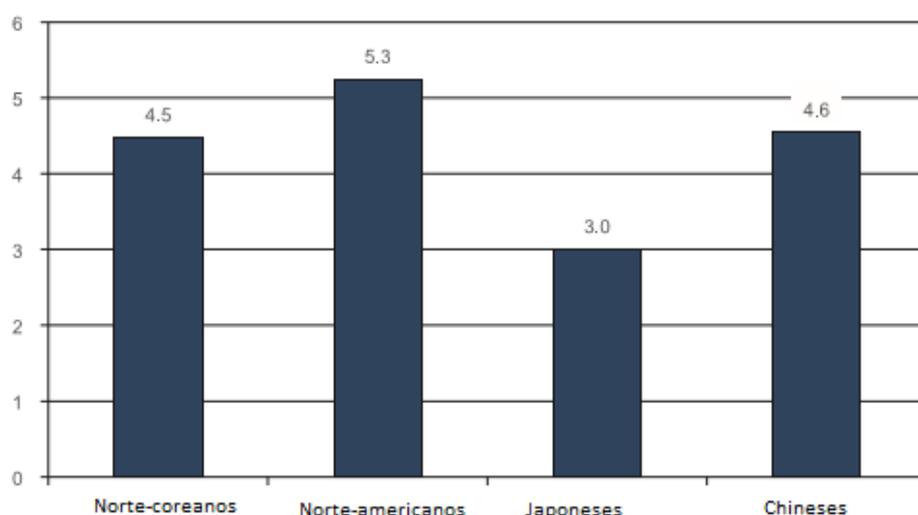
Alguns analistas, corroborando com o argumento desta pesquisa, atribuíram essa diferença geracional ao fato de que os sul-coreanos mais novos passaram a não considerar os norte-coreanos como indivíduos pertencentes à mesma nação que eles, uma vez que as duas Coreias estariam separadas há mais de meio século e existiria pouca ou nenhuma memória afetiva que fornecesse margem factual ao argumento de unidade peninsular oriundo do Estado. (CHOI & KIM, 2012). Como resultado, muitos refugiados norte-coreanos experimentaríamos desconfiança, tratamento injusto, ostracismo e discriminação, até mesmo hostilidade absoluta, criando sérios desafios para a perspectiva de um reassentamento bem-sucedido, ou melhor dizendo, adequado ao que seria proposto pela narrativa estatal em sua política pública de memória. Estudos posteriores também identificaram que o preconceito social predominante em relação aos refugiados norte-coreanos quase nunca está manifesto na sociedade sul-coreana, existindo uma considerável dose de tabu no tema, mas afetaria o consistentemente a relação com norte-coreanos refugiados de maneiras sutis e impactantes. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Coreano de Desenvolvimento Educacional (KEDI) em 2013, por exemplo, mostrou que, dentre os 429 estudantes norte-coreanos de ensino fundamental e médio entrevistados em seu projeto, apenas 10,7% relataram ser explicitamente discriminados ou socialmente condenados ao ostracismo devido ao fato de serem da Coreia do Norte. Todavia, como já apontado, 64% dos entrevistados relataram que não permitiriam que seus colegas sul-coreanos soubessem de sua naturalidade se eles tivessem a chance de se transferir para uma escola diferente, pois se sentiriam assim mais confortáveis.

Neste ponto vale ressaltar que na Coreia do Sul não existem quaisquer leis anti-discriminatórias para nenhuma minoria social, seja racial, religiosa, política, sexual, étnica ou de gênero. Este fato, que é alvo de constantes denúncias da sociedade civil, organizações não-governamentais de direitos humanos como a Human Rights Watch e até do alto comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos (OHCHR, 2014), é mais um empecilho para adaptação dos norte-coreanos, uma vez que existe uma certa resistência estatal em reconhecer a xenofobia perante estes indivíduos (KOREAN HUMAN RIGHTS MONITOR, 2013), ou mesmo de classificar qualquer postura de cidadão sul-coreanos contra cidadão norte-coreanos como xenofóbica.

A tendência de desenvolvimento de identidades independentes se verifica em pesquisas com recortes etários ou temporais. Tenha como exemplo a seguinte pesquisa realizada pelo ANSAN Institute of Policy Studies em 2015, onde mais de 7000 Sul-

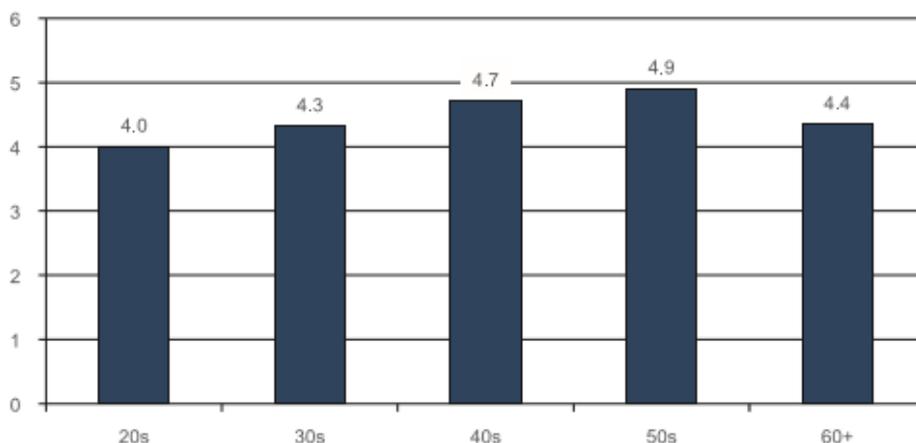
coreanos foram interrogados sobre quais nacionalidades eles teriam maior afinidade pessoal. Apesar do termo “afinidade” e “identidade” não serem intercambiáveis ou equivalentes, a pesquisa demonstra uma considerável ruptura na auto-percepção coreana: os sul-coreanos passam a preferir conviver com certos totais estrangeiros do que com aqueles que a narrativa nacional aponta como irmãos. E ainda mais grave: esta é uma tendência que parece reverberar com mais intensidade na juventude: justamente aqueles que têm crescentemente menos referências do que seria uma Coreia unificada.

**Gráfico 3.1 – Afinidade Pessoal de Sul-coreanos com outras nacionalidades (de 1 a 10)**



Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.17

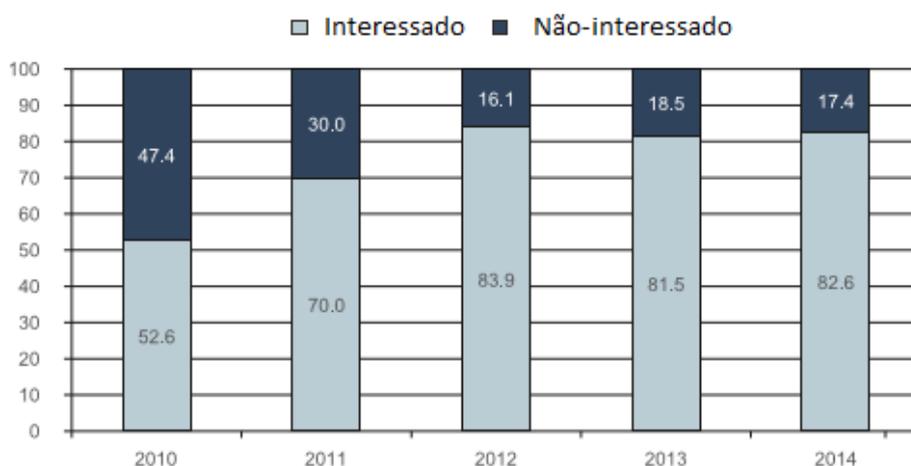
**Gráfico 3.2 - Afinidade pessoal de sul-coreanos com norte-coreanos por faixa etária (de 1 a 10)**



Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.18

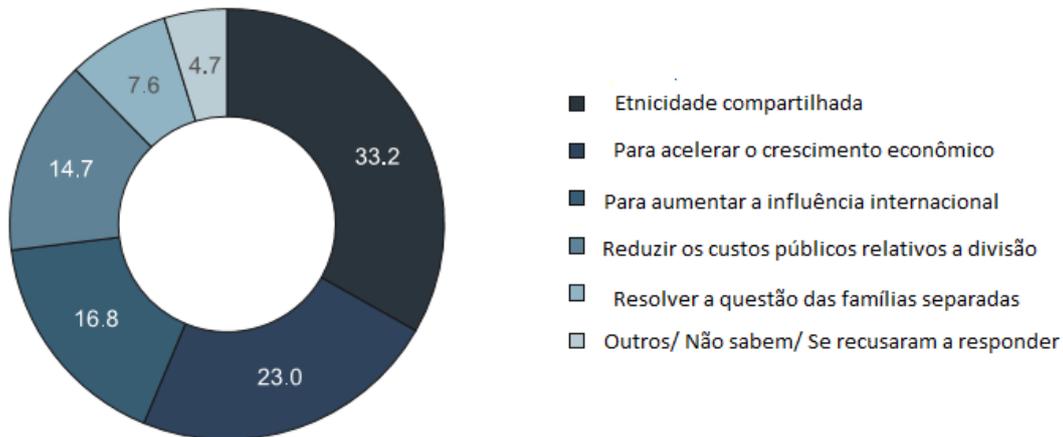
Todavia, se a empatia e a afinidade para com os norte-coreanos se encontram em baixa na última década, a ideia de reunificação em si tem progressivamente retomando atratividade e centralidade para o cidadão sul-coreano, tanto para os jovens quanto para os mais velhos, possivelmente em função das políticas públicas educacionais e de memória. O mesmo relatório do Instituto ANSAN, ao perguntar aos seus entrevistados se estes tinham interesse na reunificação das Coreias obteve os seguintes resultados:

**Gráfico 3.3 – Resultado para a pergunta “Você tem interesse na Reunificação?”**



Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.29

**Gráfico 3.4 – Motivos apontados para a Reunificação das Coreias (2014)**



Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.32

O relatório vai ainda mais a fundo em sua pesquisa e indaga aos entrevistados por quais razões a unificação é algo importante e/ou desejado (gráfico 1.4). De forma não tão surpreendente, dada a narrativa oficial de “um povo, uma nação” adotada de forma consistente pelos líderes sul-coreanos após a democratização, o critério étnico lidera a pesquisa. Outras razões apontadas pelos entrevistados, menos ligados ao que poderíamos chamar de “dogma secular” da unificação, aparentam ser mais estratégicas e alinhadas com ganhos individuais decorrente da unificação, mas ainda refletem o discurso da política pública, mesmo que seja de uma postura mais recente do Estado sul-coreano em comparação ao tradicional de unidade: A ex-Presidente Park Geun-hye passou grande parte dos anos de 2013 e 2014, remodelando a abordagem do Ministério da Unificação com a visão de “reunificação como bonança” – o lema do ministério durante seu mandato (MINISTRY OF UNIFICATION, 2014, p. 5). Seguindo a lógica da administração de Park, a melhor forma de aumentar o interesse público pela unificação seria divulgar os benefícios econômicos que esta supostamente traria, ao invés de apelar por razões emocionais. A ideia é que a junção do trabalho do Norte com a proeza tecnológica do Sul levaria a uma economia coreana revigorada e pronta para o novo milênio (YONHAP, 2014; KOREAN TIMES, 2015).

## Conclusões

De um modo geral, podemos observar a seguinte contradição entre as percepções e as instituições responsáveis pela unificação e assentamento de refugiados norte-coreanos na Coreia do Sul: enquanto a empatia a nível pessoal entre sul e norte coreanos se encontra em declínio e é menos sólida do que alguns *policy makers* gostariam de admitir, a ideia de

unificação em si ainda permanece como um forte compasso moral dentro da Península coreana. Tal desnível abre espaço para reflexões mais profundas sobre a origem do sentimento de desconexão e alteridade existente entre os refugiados norte-coreanos e seus conterrâneos do Sul. E até a ocorrência de um fenômeno raro, porém crescente: os duplos desertores. Ou seja, norte-coreanos que migraram para o Sul e, insatisfeitos com a vida que encontraram, retornaram para o Norte. (MCCURRY, 2015). Os depoimentos de refugiados norte-coreanos que alegam não conseguirem se adaptar e desejam retornar ao país de origem geram um desconforto a Seul - que não permite tal retorno, prendendo os indivíduos que tentam retornar através da fronteira, norte coreanos ou não. Via de regra a administração pública não comenta tais manifestações, e afirma que nos últimos 10 anos menos de 20 refugiados coreanos realizaram a migração de retorno a Pyongyang, apesar de fontes jornalísticas relatarem números bem maiores – em torno de 800 indivíduos. (TAYLOR, 2013)

A política pública sul-coreana para o acolhimento de refugiados do Norte se dificulta a cada ano em que a unificação não acontece. É crescente o desinteresse das novas gerações em Seul em relação a estes indivíduos que se tornam progressivamente mais dentro da sociedade. Os esforços em prover ferramentas para a adaptação são limitados e por vezes contraditórias: presumem unicamente a existência de uma identidade cultural comum que se encontra em erosão e são operacionalizadas em uma lógica de ensino *top-down*, mesmo que o objetivo final seja uma integração nacional e não uma subordinação do norte perante ao sul - o que é compreendido como objetivo constitucional de ambos os estados-nação. As próprias motivações para uma unificação se tornam mais turvas se pensarmos que mesmo a unidade étnica, que unia um imaginário de unidade nos dois extremos da península, entrou em declínio com a adoção de políticas multiculturais do sul. De fato, desde 2008 a taxa de imigrantes erradicados no Sul aumenta em uma média de 10% ao ano, sendo a população imigrante no país superior a 5% de sua população - em torno de 3 milhões de pessoas - com um em cada cinco casamentos registrados em cartório sendo com estrangeiros. (LIE, 2014, p.54).

É provável que se as políticas públicas para o acolhimento de refugiados não forem revistas, visando não apenas um aprendizado técnico dos indivíduos, mas também uma nova narrativa que encopasse estes indivíduos e todo o norte, a própria ambição de uma Coreia unida entre em erosão. É importante ter em vista que a experiência de vida dos norte-coreanos, para uma adequação como os propostos basilares da unificação, não pode ser tratada como uma totalidade de trauma sem consequências para a auto percepção destes indivíduos. A alternativa de abrir espaços para suas necessidades de expressão de identidade parece se apresentar como necessidade. A imposição de um estilo de vida específico só irá aumentar seu distanciamento com o Sul e prolongar o sofrimento dentro desta crise humanitária.

Artigo recebido em 18 jul. 2017

Artigo aprovado para publicação em 29 nov. 2017

## Referências

- ACNUR, UNHCR'S ROLE IN SUPPORT OF AN ENHANCED HUMANITARIAN RESPONSE TO SITUATIONS OF INTERNAL DISPLACEMENT. 2007. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/protection/idps/50f9518b9/unhcrs-role-support-enhanced-humanitarian-response-situations-internal.html>> Acesso em 12 de Agosto de 2017
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Companhia das Letras. 2008
- ASAN Report. South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, The Asan Institute for Public Policies. 2015
- ASAN. *Institute of Policy Studies Resettling in South Korea: Challenges for Young North Korean Refugees*, 2014
- BUSINESS INSIDER, South Korea's gender problem could lead to an existential crisis Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/why-south-korea-is-becoming-the-oldest-country-2016-1>> Publicado em 5 de Fevereiro de 2016
- CAMPBELL, Emma-Louise.; *Uri nara, our nation: Unification, identity and the emergence of a new nationalism amongst South Korean young people*. The Australian National University. 2011
- CHO, D.; KIM, Y. A study on settlement service for North Korean defectors. *Journal of Korean Public Police and Security Studies*, 2011
- CHOE, Sang-Hun. North Korea's Forbidden Love? Smuggled, Illegal Soap Operas, *The New York Times*, Jan. 2015 <[https://www.nytimes.com/2015/01/25/world/north-koreas-forbidden-love-smuggled-illegal-soap-operas.html?\\_0r=>](https://www.nytimes.com/2015/01/25/world/north-koreas-forbidden-love-smuggled-illegal-soap-operas.html?_0r=>) Acesso em 23 de Janeiro de 2017
- CHOI, Dang-il; KIM, Yong-nun. A study on settlement service for North Korean defectors. *Journal of Korean Public Police and Security Studies*, p. 25-50, 2012
- CUMMINGS, Bruce. *Korea's Place in the Sun: A Modern History*. W. W. Norton & Company, 2005
- DEMICK, Barbara. Nothing to Envy – Ordinary Lives in North Korea. Spiegel & Grau ed., 2009
- DREAM TOUCH FOR ALL South Korean-North Korean translator Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ym3HnjBxPsw>> 25 de Abril de 2015

EAI (East Asian Institute), Working Paper No. 29- □□ □□□ □□□ □□□ □□□□□□ (Mudanças na realidade dos desertores e direções políticas norte-coreanas), 2013

HAGGARD, Stephan. *Witness to Transformation: Refugee Insights Into North Korea* Peterson Institute ed., 2010

HANA FOUNDATION, □□□□ □□ □ □□□ □□□□ □□ □□□ □□□□, Video do Youtube, Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pvZUD5Mz44g>> Acesso em 9 de Agosto de 2017

HYUNG, Gu-Lynn. *Bipolar Orders: The Two Koreas since 1989*, 2009

JEON, Bon-hee et al. *Prevalence and Correlates of Depressive Symptoms among North Korean Defectors Living in South Korea for More than One Year*, *Psychiatric Investigation*, Vol. 6, 3 de Agosto de 2009

JUNG, Jae-in. The adjustment of North Korean refugee youths in South Korean schools. *Journal of Research of Unification*, p. 209-239, 2004

KIM, Jih-Un & JANG Dong-Jin Aliens Among Brothers? The Status And Perception Of North Korean Refugees In South Korea Em Asian Perspective Vol. 31, No. 2, p. 5-22, 2011.

KIM, Hyun-Kyoung. A study on the recovery predictive factors for North Korean refugees with torture experience. *Journal of Association of Social Welfare Studies*. 2010

KIM, Mik-young *Securitization of Human Rights: North Korean Refugees in East Asia*, 2012

KIM, Suk-Hi. *The Survival of North Korea: Essays on Strategy, Economics and International Relations*, McFarland Publisher, 2011

KOREA TIMES, Editorial: Still unification 'bonanza'? Disponível em: <[http://www.koreatimes.co.kr/www/news/opinon/2015/03/202\\_172107.html](http://www.koreatimes.co.kr/www/news/opinon/2015/03/202_172107.html)> Publicado em 20 de Janeiro de 2015

KOREAN ÉXPOSE, *Inter-Korean Marriage and Pursuit of Assimilation*, Disponível em: <<https://koreaexpose.com/inter-korean-marriage-and-pursuit-of-assimilation/>> Publicado em 14 de Setembro de 2014

KOREAN HERALD "Unification Ministry budget to increase 10.4% next year". Dez. 2015 <<http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20140918000946>> Acesso em 12 de Dezembro de 2016

KOREAN HUMAN RIGHTS MONITOR, *Comprehensive Anti-discrimination Bill Withdraw*. Disponível em: <<http://www.humanrightskorea.org/2013/comprehensive-anti-discrimination-act-withdrawal-korea-human-rights-situation-back-tracks/>> Acesso em 5 de Agosto de 2017

LANKOV, Andrei, Why have North Korean defections dropped? Em The Guardian, Publicado em 7 de Maio de 2015, Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2015/may/07/north-korea-defectors-drop>>

LEE, Ahlam. *North Korean Defectors in a New and Competitive Society: Issues and Challenges in Resettlement, Adjustment, and the Learning Process*, Lexington Books, 2015

LEE, Kun-hyo. *Analysis of types of maladjustment problems of North Korean adolescent refugees to South Korean society*. Korean Adolescent Development Institute, 2011

LEE, J. Service Economies: Militarism, Sex Work, and Migrant Labor in South Korea Jin-kyung Lee. *The Journal of Asian Studies*. 2, 561, 2012. ISSN: 00219118

LIE, J. *Multiethnic Korea?: Multiculturalism, Migration, and Peoplehood Diversity in Contemporary South Korea*, 2014

McCURRY, J. *The defector who wants to go back to North Korea*. The Guardian. Publicado em 22 de abril de 2014.

Disponível em : <<https://www.theguardian.com/world/2014/apr/22/defector-wants-to-go-back-north-korea>> Acesso em 12 de janeiro de 2017

MINISTÉRIO DA UNIFICAÇÃO "Bukhanitaljumin Hyunhwang" [Status of North Korean Defectors, □□□□□□ □□]" Resettlement Support Division. 2015.

Disponível em: <<http://www.unikorea.go.kr/content.do?cmsid=1440>> Acesso em 12 de dezembro de 2015

MINISTRY OF UNIFICATION, Annual White Paper o Korean Unification, 2016

MINISTRY OF UNIFICATION, Annual White Paper o Korean Unification, 2014

MINISTRY OF UNIFICATION, Manual for the Resettlement Support for North Korean Refugees, 2013

MY, Chi-un; KIM, Hyung-jae, et al. *Correlates of depressive symptoms among North Korean refugees adapting to South Korean society: the moderating role of perceived discrimination*, Social Science & Medicine Volume 131, p. 107-113, Abril de 2015

NDTV, Inter-Korean marriage agent takes on a niche market< <http://www.ndtv.com/world-news/inter-korean-marriage-agent-takes-on-a-niche-market-520835>> Publicado em 13 de Outubro de 2013

OCHR, Statement of preliminary observations delivered by the United Nations Special Rapporteur on Contemporary Forms of Racism, Racial Discrimination, Xenophobia and Related Intolerance, M. Mutuma Ruteere, 6 de Outubro de 2014

PARK, Sang-il; CHOI, Nung-jang A study on educational needs for North Korean migrants' stable professional life: The necessity of approach to humanities education., 2011

RICHARDSON, S. China, North Korea, and Human Rights 'Dialogue'. Human Rights Watch Jan. 2017 <<https://www.hrw.org/news/2017/01/26/china-north-korea-and-human-rights-dialogue>> Acesso em 26 de Janeiro de 2017

SCHARTMAN, Nathan, High divorce rate among international marriages in Korea em ASIAN CORRESPONDENT Disponível em: < <https://asiancorrespondent.com/2011/05/high-divorce-rate-among-international-marriages-in-korea/#TscZpX7FUAQfwSPI.97> > Publicado em 24 de Maio de 2012

SCHATTLE, Hans; McCANN, Jennifer. The Pursuit of State Status and the Shift toward International Norms: South Korea's Evolution as a Host Country for Refugees. *Journal of Refugee Studies* Vol. 2. 2013

SEO, Yon-soo. Two fundamental problems of current supporting policy of North Korean refugees and multicultural solution through social integration. *Journal of Korean Political Science Association*, 2013

SEOL, Doong-Hon The political Economy of Immigration in South Korea In: CATLES, Stephen; OZKUL, Derya. *Social Transformation and Migration: National and Local Experiences in South Korea, Turkey, Mexico and Australia*. Sydney, Palgrave Macmillan (ed.), 2015.

SHIN, M. N. "Preparing for Reunification through Mutual Understanding between South Korean Citizens and North Korean Refugees," *Social Science Studies*, Dong Guk University, Vol. 19, No. 1, 2010

SHIN, G. W. Ethnic Nationalism in Korea; Genealogy, Politics, and Legacy. Reference and Research Book News. 2006.

SMITH, Anthony D. "A Identidade nacional", capítulo 4 – Nacionalismo e Identidade Nacional p.94-124; capítulo 5 – Nações Criadas deliberadamente? p.125-152, 1991

SOHN, H. M. *Korean Language in Culture And Society*, University of Hawaii Press. P. 32-39, 2006

TAYLOR, Andrew. Publicado em 26 de Dezembro de 2013, Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/why-north-korean-defectors-keep-returning-home-2013-12>> Acesso em 23 de Janeiro de 2017

THIESSE, Anne-Marie. *Des fictions créatrices: les identités nationales*, 2000

TUDOR, Daniel. *Korea: The Impossible Country* Tuttle ed. 2012

WSJ, Wall St. Journal, Korean Dating Transcends North-South Divide Disponível em: < <https://www.wsj.com/articles/korean-dating-transcends-northsouth-divide-1391058870>> Publicado em 30 de Janeiro de 2014